

## Hannah Arendt em quadrinhos Hannah Arendt in comics




10.11606/2316-9877.2021.v9i2.186226

**Muriel Emídio Pessoa do Amaral<sup>1</sup>**

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ao final de 2020, em uma conversa despretensiosa com o professor José Maria Neto, professor do Departamento de História da Universidade de Pernambuco

---

<sup>1</sup> Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), Mestre em Comunicação Midiática pela mesma instituição, doutorado sanduíche na Universidade de Aveiro (Portugal). Foi Professor do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade/Propaganda) da Universidade Norte do Paraná (Unopar). E-mail: [murielamaral@yahoo.com.br](mailto:murielamaral@yahoo.com.br).  <https://orcid.org/0000-0003-3069-6697>.

(UPE) e tradutor do livro *Hannah Arendt: conceitos fundamentais* (HAYDEN, 2020), ele trouxe uma ideia muito interessante: a vida de Hannah Arendt poderia ser motivo de um jogo de videogame. Na imaginação dele, as fases do jogo seriam compostas pelas fugas que ela realizou para escapar do fascismo que tomou conta da Europa ao final da primeira metade do século XX. O jogo ainda não foi planejado, ao menos que eu tenha conhecimento, mas o enredo das fugas de Arendt foi motivo para o quadrinista estadunidense Ken Krimstein (2021) fazer a história em quadrinhos *As três fugas de Hannah Arendt: uma tirania da verdade*, para apresentar a vida da autora.

Aliás, houve uma série de biografias e livros que trabalham as ideias de Arendt que foram publicados no Brasil e no exterior. Para ilustrar esse acontecimento, foram publicadas as biografias *Arendt: entre o amor e o mal: uma biografia*, de Ann Heberlein (2020) e *Hannah Arendt: critical lives*, de Samantha Rose Hill (2021), o livro *Why read Hannah Arendt now*, de Richard J. Bernstein (2019) e a coletânea *Hannah Arendt: conceitos fundamentais*, organizada por Patrick Hayden (2020) e o álbum em quadrinhos de Krimstein. Destarte, Arendt se tornou um caminho próspero para o mercado editorial, seja pela sua vida agitada e significativa ou porque é referência obrigatória sobre reflexões do mal e a fragmentação do espaço político, aspectos tão presentes no cenário político contemporâneo.

Krimstein é uma figura conhecida no universo das histórias em quadrinhos, tendo seus trabalhos publicados em veículos como *The New Yorker* (revista em que Arendt trabalhou e para a qual cobriu o julgamento de Eichmann), *Punch* e o jornal *Wall Street Journal*, além de ser professor na De Paul University e na School of the Art Institute, de Chicago. A história e as ilustrações construídas por Krimstein trazem outra experiência estética sobre a vida da autora que teve notoriedade com seus estudos sobre política, espaço público e totalitarismo. Arendt era judia e viveu na pele os horrores da perseguição fascista aos judeus na Alemanha governada por Adolf Hitler. A experiência de ter vivenciado a privação de liberdade, a destruição do espaço público e a fragmentação da política pelo totalitarismo fizeram com que Arendt desenvolvesse conceitos particulares sobre a organização da ação política e poder e, em grande medida, essas referências perpassam as fugas que foram muito bem elaboradas por Krimstein.

Os desenhos são produzidos em traços simples sem coloração, apenas Arendt tem suas roupas coloridas de verde com efeito esfumado, o que pode ser um ponto negativo na poética dos desenhos para quem espera uma explosão de cores. A narrativa de Krimstein acontece pela ordem cronológica, entretanto, como o fio condutor são as fugas, o começo da história não fica retido aos acontecimentos da infância e adolescência e logo são trazidos à tona os motivos das fugas. Por fazer outro trajeto, a história em quadrinhos apresenta uma narrativa mais agradável e inovadora. Além de apresentar com humor algumas passagens da vida de Arendt, o autor também realiza contextualizações da vida dela. Essa estratégia utilizada por ele contribui muito para elucidar sobre as ideias de Arendt, evidenciando por que algumas das suas considerações foram elaboradas a partir das experiências dela, e também oferece um panorama da realidade em que se encontravam a Alemanha e o mundo naquela época entre guerras.

Antes de realizar a primeira fuga, a história se inicia sobre a dificuldade de Arendt continuar seus estudos e sua entrada no curso de filosofia na Universidade de Marburgo, onde conheceu Martin Heidegger, professor com quem manteve um relacionamento amoroso. Na época, ele era casado e tinha 35 anos e ela era uma estudante de 17 anos. Um ponto positivo da narrativa em quadrinhos foi de não se limitar aos aspectos privados da relação do casal, mas de avançar ao apresentar e refletir sobre a importância que ambos tiveram na construção do pensamento filosófico alemão contemporâneo, a influência de Heidegger na constituição da epistemologia de Arendt e o exercício de compreensão dos motivos que levaram Heidegger a apresentar certa aderência ao Partido Nazista. A proposta encontrada no álbum para tratar do relacionamento foi justa, mesmo sendo mais resumida, quando comparada ao livro *Hannah & Heidegger: história de um amor*, de Antonia Grunnerberg (2019). Mesmo em posse de grande parte das correspondências entre o casal, as reflexões de Antonia permaneceram nas discussões de âmbito privado do envolvimento amoroso.

A primeira fuga de Arendt diz respeito à ida compulsória a Berlim. Mesmo sendo de família pequena burguesa, o pai dela, Paul Arendt, já havia morrido e os negócios da empresa pertencentes à família não estavam indo bem. Diante dessa realidade, a alternativa encontrada por Hannah, Martha, a mãe dela, e Günther Anders, primeiro marido de Arendt, foi de ir embora para Berlim. A capital alemã, a

despeito de haver certa efervescência cultural e intelectual, apresentava as cicatrizes da Primeira Guerra e pairava no ar uma atmosfera de intolerância e medo. Ainda na Alemanha, Arendt é detida pela primeira vez a mando do Partido Nazista, motivo que a faz realizar a segunda fuga com destino à França.

Separada de Anders, ela conheceu seu segundo marido, Heinrich Blücher, com quem realiza a saga da segunda fuga pela Europa. Já radicada em Paris, Arendt e o marido dividem seus dias com Walter Benjamin, filósofo com quem teve seus primeiros contatos nas aulas com Heidegger e que era primo do seu primeiro marido. Assim como Arendt, Benjamin também estava em fuga por ser judeu. Em Paris, Arendt é presa pela segunda vez pelo Partido Nazista e é enviada a um espaço de concentração. Nessa parte da história, Krimstein narra com riqueza de detalhes a experiência de Arendt de ser privada de visibilidade política, a inércia das mulheres detidas na mesma condição que ela e as primeiras reflexões sobre a banalidade do mal, uma das ideias mais marcantes do pensamento arendtiano.

Ao sair daquele espaço, a última fuga aconteceu rumo aos Estados Unidos. Em posse da permissão para deixar a Europa, Arendt, a mãe e o marido dela foram aos Estados Unidos com ajuda da comunidade judia, que oferecia asilo àqueles que sofriam perseguições. Walter Benjamin irá com eles na saga, mas, na tentativa de fugir da dominação nazista em Paris, ele rumou para o norte da França, região atacada pelos nazistas em território francês e cometeu suicídio em 1940. Nesse momento da narrativa, já instalada nos Estados Unidos, Arendt, depois de ter passado por alguns empregos, retomou às atividades acadêmicas quando se tornou professora de universidades naquele país e publicou, em 1958, aquela que seria uma das suas obras mais destacáveis *A condição humana* (2018).

A obra primordial de Arendt se apresenta com um marco da reconfiguração da tradição filosófica ao refletir sobre a condição da vida em seus domínios públicos e privados, as relações de trabalho e o desenvolvimento da sociedade de massa que contribuiu para a atomização dos indivíduos. Um outro ponto positivo para a história em quadrinhos foi o de perceber que os conceitos desenvolvidos por Arendt fogem às regras da consagração filosófica. Quando Arendt menciona que o totalitarismo é uma manifestação de inverdade, não quer dizer, em hipótese alguma, que nunca houve os horrores cometidos no Holocausto, mas que o entendimento de verdade desenvolvido por ela diz

respeito à reflexão e à pluralidade de discursos no espaço público, movimentos inexistentes durante a permanência do totalitarismo. Além disso, Krimstein resume a percepção dela sobre o trabalho. Na contramão do pensamento marxista, Arendt acreditava que o trabalho não pertence à ação política, tampouco ao espaço público, mas está atrelado à manutenção da vida metabólica e aos aspectos privados.

Um outro ponto positivo para a obra é o último capítulo, intitulado “Pensando sem corrimão”, quase homônimo de uma das últimas obras de Arendt (2019), que, na verdade, é uma coletânea dos textos dela, organizada por Richard Bernstein. *Pensar sem corrimão* é uma ideia que preza pela liberdade de pensar pela imaginação, algo que Eichmann não foi capaz de realizar. Após o julgamento de Adolf Eichmann (ARENDR, 1999), o oficial nazista responsável pela logística dos trens que traziam pessoas aos campos de concentração, Arendt propôs outras reflexões ao vislumbrar que mal não é exatamente radical, como pensou Immanuel Kant, mas sim, banal. A banalidade do mal pelo olhar de Arendt se desenhou por ser fruto da ausência de reflexão política e o comportamento de Eichmann foi justamente sintoma dessa condição.

A banalidade do mal não se configura pela insignificância dos atos cometidos, mas pela ausência de reflexão dos atos realizados. Por acreditar que estava apenas cumprindo ordens de patentes superiores à sua, Eichmann, durante todo o julgamento, alegou que era inocente e que não poderia ser culpado pelas milhões de mortes causadas durante o Holocausto. Entretanto, torna-se difícil de acreditar que ele não sabia que grandes contingentes humanos eram privados de liberdade e remetidos à morte pelo simples fato de serem judeus ou pertencerem a outros grupos considerados não-alemães.

Ao perceber que Eichmann exercia a obediência sem reflexão política, Arendt percebeu que o mal se manifesta na ausência do pensamento e, conseqüentemente, promove as inverdades. E pensar sem corrimãos é o exercício de pensar por si sem as amarras e as interferências calcadas pela obediência e irreflexão, não de uma maneira egoísta ou narcísica, mas é a liberdade de pensar pelo auxílio da imaginação enquanto uma condição da ação política para contemplar a pluralidade. Se, por um lado, a vida de Arendt ainda não foi motivo para a produção de um videogame, por outro, os pontos positivos obtidos pela obra de Krimstein a leva a um nível considerável de evolução.

## Referências

ARENDT, Hannah. *Pensar sem corrimão*. Lisboa: Relógio D'água. 2019.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BERNSTEIN, Richard J. *Why read Hannah Arendt now*. Cambridge/Medford: Polity, 2019.

GRUNNENBERG, Antonia. *Hannah & Heidegger: história de um amor*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HAYDEN, Patrick (Org.). *Hannah Arendt: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

HEBERLEIN, Ann. *Arendt: entre o amor o mal: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HILL, Samantha Rose. *Hannah Arendt: critical lives*. London: Reaktion Books, 2021.

KRIMSTEIN, Ken. *As três fugas de Hannah Arendt: uma tirania da verdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.